

sanguijuelas" que serían la "repugnante fauna de relumbrante plumaje" (p. 461) que constituirían parte de la Corona española en contra de los encomenderos y sus aspiraciones feudalizantes e independentistas (caso de Gonzalo Pizarro, por ejemplo). Sin tomar partido por una u otra opción histórica, creemos que el problema es mucho más complejo de como se lo presenta. El antilascasismo exaltado de Delgado desgraciadamente hace perder credibilidad y seriedad al análisis general que había llegado a consumir en los capítulos inmediatamente anteriores, y permite observar una grieta seria en su manejo de la época y de algunos textos y autores representativos de ella. No porque nos interese de las Casas en sí mismo, sino porque pensamos que no se puede reducir a un autor tan prolífico y contradictorio a un solo aspecto y período de su pensamiento.

En fin, no sería justo concluir esta reseña sin resaltar los innegables méritos de *El diálogo de los mundos* por la audacia saludable de algunos de sus acercamientos y por la necesidad que satisface —aunque parcialmente, debido a su énfasis exclusivo en los aspectos simbólicos— de leer a Garcilaso en función de su trayectoria andina. Pese a que se le presenta como "el Amauta que escribe nuestros *Libri fatalis*, los *Comentarios reales*, que guardan en sus profundidades el decreto del destino de la patria" (p. 415), dándose cuenta así de una postura más bien mesiánica en favor del Inca, Delgado exhibe un amplio manejo de la bibliografía psicoanalítica y de la teoría antropológica cultural, haciendo de ellas armas utilísimas en la difícil empresa de dar una coherencia globalizadora a una obra tan multiforme y contradictoria en su interior como la de Garcilaso. Aunque el estudio de Delgado está aún lejos de la excelencia crítica debido a su constante tendencia especulativa a partir de datos discutibles y debido al tono general de defensa que asume hacia el Inca, sin duda constituye un aporte notable en los más recientes estudios garcilacistas, tan plagados de hispanismos y esteticismos

renovados en la consagratória académica. *El diálogo de los mundos* aparece así como un libro de necesaria lectura para un mejor conocimiento de la riqueza significativa de la obra del llamado mestizo ejemplar (pese a lo esencialista que resulta el término) y del mundo andino en general. Se suma así, aunque con una mayor información antropológica y un análisis simbólico más detallado, a los trabajos de Susana Jákfalvi-Leiva, José Rabasa, María Antonia Garcés y Nicolás Wey-Gómez que buscan aquellos elementos propios de una subjetividad no estrictamente europea en la escritura del Inca. Una segunda edición de este libro, relativizando algunas conclusiones, revisando ciertos datos y corrigiendo los innumerables errores tipográficos de la primera edición, será una tarea necesaria para el desarrollo de los estudios garcilacistas de los próximos años. En función de ese **diálogo** unificador con la obra del Inca es que el estudio de Delgado contribuye y renueva, cómo no, una fructífera polémica.

José A. Mazzotti  
Princeton University

**Toward Socio-Criticism: "Luso-Brazilian Literatures". Roberto Reis, editor. Tempe: Center for Latin American Studies, 1991.**

*Toward Socio-Criticism: "Luso-Brazilian Literatures"* consiste da coletânea de ensaios apresentados por ocasião do simpósio "Luso-Brazilian Literatures, a socio-critical approach," que teve lugar na universidade de Minnesota em 21 e 22 de outubro de 1988. Os ensaios foram selecionados por Roberto Reis, que também escreve a introdução ao livro.

A idéia de fazer-se um simpósio sobre literaturas de língua portuguesa já é em si digna de nota. A necessidade de tais simpósios não precisa sequer

ser mencionada, já que qualquer pessoa dessa área sabe da falta de divulgação das literaturas luso-brasileira aqui nos Estados Unidos. Obviamente, a publicação desses ensaios mostra que os estudos dessas literaturas estão vigorosos e vibrantes, e que os especialistas estão mais que nunca aumentando em número e em qualidade de produção crítica.

*Toward Socio-Criticism* consta de vinte ensaios, uma introdução por Roberto Reis, e a "afterword" por Ronald W. Sousa. Domício Proença Filho abre os ensaios com "O estudo sócio-histórico do texto literário e a literatura brasileira," em que ele analisa as duas linhas mestras nos estudos literários brasileiros desde os anos 50 até a atualidade. Domício chama estas linhas "a tendência estetizante e a tendência sociologizante," e enfatiza, nos estudos literários, os riscos do reducionismo, a peculiaridade da noção de valor, e o problema da periodização. Os ensaios seguintes são assinados por Carlos Reis, Roberto DaMatta, David William Foster, Francisco Caetano Lopes Júnior, Berta Waldman, Renato Cordeiro Gomes, Leslie Bary, Randall Johnson, Tereza Cristina Cerdeira da Silva, Renata Wasserman, Phyllis Reisman Butler, Lúcia Helena Costigan, Mariza Lajolo, Angélica Soares, Consuelo Albergaria, Julio Diniz, Lori Madden, Gregory McNab e David J. Hess. Os assuntos dos ensaios vão desde a comparação da obra literária com a etnografia (Roberto DaMatta), ao estudo sobre a guerra de Canudos (Lori Madden), ao cuidadoso ensaio sobre M. Teresa Horta e Lya Luft (Renata Wasserman). O livro constitui, de maneira geral, um apanhado bastante amplo da situação dos estudos de literatura de língua portuguesa nos Estados Unidos e no Brasil (já que alguns dos ensaístas são professores de universidades brasileiras). Sem querer desmerecer os demais ensaios, gostaria de concentrar-me numa rápida apreciação dos trabalhos de David William Foster, Francisco Caetano Lopes Júnior, e Berta Waldman, os quais me parecem seguir numa discussão entre si e,

nesta discussão, relevantes aspectos da literatura brasileira são salientados.

Em "Duas modalidades de escritura sobre a homossexualidade na ficção brasileira contemporânea," David Foster traça um histórico geral da presença de personagens homossexuais na literatura brasileira, alinha esta presença com a tradição européia, e comenta mais profundamente os romances *Nivaldo* e *Jerônimo*, de Darcy Penteado, e *No Pats das sombras*, de Aguinaldo Silva. Neste comentário dos dois romances brasileiros contemporâneos, Foster expõe as diretrizes estéticas e políticas dos dois autores e, durante a exposição, traça paralelos entre a intertextualidade dos textos e a situação de repressão político-sexual no Brasil.

Francisco Caetano Lopes Júnior, com "Uma subjetividade outra," já de início chama a atenção para a questão da formação de um cânone hegemônico na literatura brasileira, e para a premente necessidade do crítico buscar textos que, embora ao alcance do público leitor, não fazem parte da área "nobre" da literatura. Aqui ele estuda os mecanismos desconstrutores de obras como *Stella Manhattan*, de Silviano Santiago, e *A crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso. Caetano Lopes propõe uma leitura bastante interessante dos dois romances, já que ele coloca a literatura homossexual como participante em um universo "balizado através de hiatos, escorregões, desvios e inconsistências" que vão permitir uma visão da estrutura (decadente) do edifício da moral social.

Berta Waldman, por sua vez, em "A cena e o cio nacional (uma leitura dos romances folhetins de Nelson Rodrigues)" dá uma visão da estrutura do folhetim e do melodrama, e neles situa a obra de Nelson Rodrigues. Segundo Waldman, o descomedimento narrativo de Rodrigues liga-o às fotonovelas brasileiras (Rodrigues, sob o pseudônimo Suzana Flag, "traduz" seu romance *Meu destino é pecar* para a forma da fotonovela, serializada em dez capítulos pela revista *Capricho*) ao filme classe B norte-americano, ao personagem Pedro

Camanho de *Tia Júlia e o escrevinhador*, de Vargas Llosa, e, afinal, à própria tradição do melodrama. Para Waldman, os romances de Rodrigues retomam a linha do passado; eles "estão presos a um impulso de fundação, a um momento de gênese, fazendo novamente circular as culpas da violação original, da bastardia."

Nestes três ensaios, de Foster, Caetano Lopes e Waldman, pode-se notar uma tendência nova e forte no estudo da literatura brasileira: a atenção à literatura que busca indagar não só o texto que trata do "belo" mas o que tenta ser socialmente conseqüente, politicamente engajado, e o que tenta encontrar respostas para as questões propostas pela vida atual.

Dos demais ensaios de *Toward Socio-criticism*, destaco, como leitura obrigatória, os textos de Roberto DaMatta, de Julio Diniz e de David J. Hess, porque os três apresentam outras manifestações culturais como partes integrantes do processo literário. Também a apresentação de Roberto Reis e a "Afterword" de Ronald W. Sousa são contribuições importantes para os que desejam pensar a literatura em termos mais amplos.

O único senão nesta coletânea de ensaios e a falta de mais trabalhos sobre a literatura africana de expressão portuguesa, que é um campo que ainda não tem recebido a devida divulgação. Talvez, numa futura conferência como a que deu origem ao presente livro, se possa abrir mais espaço para a literatura africana, para que novas gerações de críticos possam apresentar seus trabalhos e levantar as necessárias discussões sobre as literaturas de língua portuguesa como um fenômeno que abrange três continentes.

Eva Paulino Bueno  
Penn State University-DuBois

**José Martí. *Martí y el Uruguay: crónicas y correspondencia*. Montevideo: Universidad de la República, Facultad de Humanidades y Ciencias, Departamento de Publicaciones, 1988.**

La amplia obra de José Martí se compone de una diversidad de géneros que expresan un claro y profundo pensamiento ético y político. Este pensamiento se produce a partir de la experiencia que Martí tuvo con un doble contexto social. Por un lado, en la tenaz y constante lucha de Cuba por alcanzar la independencia de España en la que el autor de *Versos sencillos* participó activamente. Por otro lado, Martí fue un conocedor de la problemática latinoamericana caracterizada en aquella época por la anarquía y el sometimiento a los intereses del mercado europeo. Esta última experiencia le permitió postular que la independencia política era insuficiente y que ésta debía estar acompañada de una independencia social y económica.

La importancia que Martí otorgó al contexto latinoamericano le obligó a establecer una serie de relaciones con diversos países del continente. Es cierto que con algunos de éstos sus vínculos fueron más estrechos. Son los casos, por ejemplo, de México, Guatemala. Sin embargo, estuvo vinculado a otras naciones como Argentina, Venezuela y también Uruguay.

El presente volumen, *Martí y el Uruguay*, es un aporte singular que busca reflejar las relaciones entre el escritor cubano y la nación uruguaya. El libro está compuesto de cuatro partes: el trabajo introductorio de Ramón de Armas; un ensayo de Mario Benedetti que también se titula "Martí y el Uruguay"; el conjunto de crónicas escritas por Martí que se publicaron en el diario montevideano *La Opinión Pública*; y, finalmente, la correspondencia que el cubano sostuvo con su amigo íntimo, el diplomático y pintor uruguayo Enrique Estrázulas. Por consiguiente, este libro se conforma por los textos que reflejan las relaciones entre Martí y el Uruguay en-